

A LAGRIMA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

Barcellos, 31 dezembro de 1892.

Termina hoje o anno, e por isso occasião propria para agradecermos ás nossas gentis leitoras e amaveis leitores a benevolencia que nos concederam aturando de tão boa vontade as nossas chronicas, e fazendo ardentissimos votos para que o anno que amanhã começa a decorrer vos seja todo de perenne e constante felicidade, dando-vos as



Talvez que esta chronica devesse ser a resenha de tudo o que se passou em Barcellos desde o nascimento da *Lagrima*, mas para não estar a lembrar pecados velhos faremos por dar algumas noticias de maior

sensação, se é que em Barcellos possa haver sensações. Todavia uma das maiores que conhecemos foi o reaparecimento d'*A Ideia Nova*, que é já velha. Faz-nos este semanario lembrar as pessoas alquebradas pela idade e por mil achaques de rheumatismo e outras molestias e que ainda quorem ter fumaças de pessoas moças, indo pedir ás pomadas cosmeticas e aguas circassianas o vigor perdido, iludindo-se a si proprios com frescas e rosadas côres. A unica novidade que *A Ideia Nova* apresenta é o seu reporter. Decerto conhecem o Barros, o Barrinhos, aquelle que, de figura scraphica, passos medidos, não se afastando da linha estudada em casa, parece ter sido o predestinado pelo celebre dramaturgo Braz Martins para a encarnação da sua melhor obra. Muito bom rapaz, dizendo todas as palavras com aprumo de quem sabe o que diz, mas muito curioso. Gosta de metter-se, como jornalista, na vida intima de cada um, o que nos leva a agourarmo-lhes um brilhante futuro.

Das *Piadas* a que o seu auctor quiz dar-lhe cheiros das *Bagtellas* de Alberto Malheiro, de saudosa memoria, nem n'isso fallar. V. Ex.^{as} ainda não conhecem? Ahi vae uma amostra:

A LAGRIMA

Nunes pequenitates
Orate, frates
Barros, «maduro»
Casmurro...

etc. etc. etc.

E quem quiser conhecer
O que escreve assim,
Com tantô tino,
Vá ao José do Botequim
Ler as cordas do quino.

*

Hoje ficamos por aqui, sim?



(A pedido)

Enygma

A coisa em que vou falar
É muito conhecida
E por n'ella pegar
Muitos ganham a vida.

Eu conheço um sujeito,
Que nunca a larga da mão,
Chega a cansar do peito,
Qu'até causa compaixão

E até, cara leitora,
Vós lhe tendes pegado;
Eu não minto, senhora,
Não faço esse pecado.

Seu todo cinco letras,
Duas d'ellas são vogaes;
Não cuideis que são tretas,
Porque ainda vos digo mais.

E leitora note isto bem,
Que a palavra a decifrar:
Em P principio tem,
E com A deve acabar.

Zaz-Traz.



SONETO

(A MEU IRMÃO)

Quando eu vir approximar a Sorte
— Unico goso que 'inda posso ter—
Como eu ficarei contente com a sorte
Por acabar de vez este soffrer!

A vida! a vida é uma illusão!
Vivendo assim tão tristemente,
Quem ha que não encontre n'um caixão
A paz e a alegria eternamente?!

Vem, vem oh, morte amiga!
Bemdito seja o dia em que te siga
Pelos paramos do azul sidereo!

E cá em baixo, o pobre peito,
Ficará tambem alegre, satisfeito,
Porque viverá então no cemiterio.

Rio de Janeiro, 20-8--92

C. G.



Galeria de homens illustres de Barcellos

X

Dom Faquinha

Alto trigueiro — verdadeiro typo,
trasmontano. Paletot largo, gestos
fartos, atitudes prudentissimas. Intel-
ligencia clara, conversação viva e po-
lida.

Irremediavelmente, incontestavel-

A LAGRIMA

mente, indubitavelmente, occupa nas pugnas da critica o primeiro logar.

As suas palavras energicas, teem estreito parentesco com as mais soberbas prosas de Herculano, e fazem porisso sobreviver a lingua portugueza d'este naufragio em que se abysma. E' uma lição e um exemplo. Quando falla emmudece os circumstantes, deixa-os ficar sempre petrificados, boquiabertos, assombrados e extasiados.

Falla com muita proficiencia sobre:

Administração publica, Agricultura, anatomia, antropologia, apicultura, arboricultura, archeologia, architectura, astronomia, biologia, botanica, caminhos de ferro, chimica, cirurgia, commercio, construcções. cynegetica, domestica, economia social, estatistica, exposições, finanças, floricultura, geographia, geologia, geometria, guerra, historia, horticultura, hygiene, iconographia, industria, instrucção publica, linguistica, marinha, mechanica, medicina, metereologia, minas, musica, mythologia, numismatica, obras publicas, philologia, philosophia, photographia, physica, phisiologia, pintura, piscicultura, poesia, psychologia, receitas, recreações scientificas e litterarias, sociologia, telegraphos, theatros, veterinaria, viagens, zoologia, zootechnia, etc, etc.

Muitas veses o vejo entrar na officina do operario explicando-lhe o melhor que pode o que sabe.

Litré, philosopho social, estudou Dom Faquinha para assim melhor saber fazer a observação dos factos e processos artisticos, e n'um dos seus livros lê-se o seguinte referente a Dom Faquinha:

«...na conversação e no trato a imaginação cede o logar a um notavel

bom senso pratico, temperado por um certo humor caustico, em que se fundem uns sorrisos de Molière com uns olhares de Ulysses...».

Ja ha muito tempo que eu tinha empenho em fallar com Dom Faquinha, porém não me achava com forças, e conjecturava:

--Que lhe direi eu? terei coragem para lhe solicitar uma lição? com que pretexto? E depois que especie de ser será elle? como se deverá tratar? O coração batia-me apressado. Porém resolvi procural-o. Encontreio em casa seriam 9 horas da manhã. Mandaram-me entrar. Da cosinha evolavam-se uns aromas que denotavam ser de iguarias bem cosinhadas. Dom Faquinha estava a fazer a barba!

Cahi das nuvens—elle então, com os meus botões—elle tambem se barbeia!

Depois de me cumprimentar, disse-me vamos almoçar.

Eu cada vez mais atonito e dizia: elle almoça, elle faz a barba, então é como os outros homens—e fiquei mais descaçado.

Não sabendo como encetar conversação, lembrei-me de tirar da carteira uns versos que escrevi e mostrar-lhos, elle porem mandou-mos ler:

*Esses teus olhos
D'um preto d'azeviche...*

Dom Faquinha percebendo que uma desharmonia lhe retalhava a membrana do tympano delicadissimo interrompeu-me, dizendo-me:

Depois ouviremos o resto. Que livros tem estudado?

Tomei ar e respondi:

—Diversos: *Historias da princeza Magdalona e João de Calais, Confissão do Marujo, Botas de sete leguas e...*

—Já não é pouco, observou Dom

A LAGRIMA



Obra
54
300
Retrato do Lusbel, do drama *pro*
Santo Antonio, que fôí desempeñado
por um curioso em Alvellos e a quem
Dom Faquinha fez critica no «Jornal
do Porto»

Faquinha, esgotando a sua chavena de café;—ha de tambem ler o *Tratado de versificação*, de Castilho.

Despedi-me e fiquei, devido ao meu arrojo, conhecendo Dom Faquinha.

Barcellos regosija-se, ufana-se, pela de contentamento, por ter dentro dos seus muros um filho adoptivo tão illustre.

Nasceu em Paio Pires, terra por que tem uma verdadeira veneração apostolica.

Dotado de bom humor ninguem o igual-a, no atamancar esta Costa d'Africa da vida—ri, canta e folga.

Dom Faquinha, embora seja um genio é excessivamente modesto. Em todos os grupos cavaqueadores de que faz parte é sempre o ultimo a emitir a sua opinião e quando o faz é como que a custo, como quem tem medo; mas... começando a fallar... é um nunca acabar de bombasticas e pyramidais cotaparações que fazem pasmar, admirar, assombrar e petrificar os

circumstantes—as palavras acódem-lhe aos labios com uma facilidade pasmosa.

N'um d'estes grupos fallava-se sobre construcções de relogios. Dom Faquinha tomou a palavra e proseguiu:

«O relogio, para que o seu machismo seja completo e perfeito, necessita que o artista executante saiba historia natural, philosophia e principalmente anatomia para estudar o corpo humano que é o prototypo dos relogios e cuja mola real é o coração e a cabeça o pendulo; o resto do corpo é facil de saber que não é mais do que uma caixa...»

Zétil.



Antes de morrer...

(A ELLA)

Dizem que a morte é muito feia,
Que é doloroso abandonar a vidal
Eu porém—vê tu que ideia!—
Anceio que ella dê guarida

Ao meu pobre coração magoado,
Que amor eu posso ter á existencia
Se ella só me tem abandonado?
Que me dê então a morte a Providencia

Cêdo ou tarde, pouco importal
Quando bater porem á minha porta
Só pedirei, só rogarei a Deus,

Que não me leve para a terra fria
Sem me conceder primeiro um dia
Em que possa ver os olhos teus!

Rio de Janeiro, 20—8—92.

C. G.

